



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA
(PARFOR)**

MICHELLE DA COSTA NEGRÃO

**O PROCESSO DA LEITURA E DA ESCRITA DOS ALUNOS DE
FUNDAMENTAL MAIOR: Um estudo de caso em uma turma de 8º ano
de uma Escola Estadual no Município de Abaetetuba-Pará.**

Abaetetuba-PA
2015

MICHELLE DA COSTA NEGRÃO

**O PROCESSO DA LEITURA E DA ESCRITA DOS ALUNOS DE
FUNDAMENTAL MAIOR: Um estudo de caso em uma turma de 8º
ano de uma Escola Estadual no Município de Abaetetuba-Pará.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, PARFOR Letras Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado Pleno em Letras. Sob orientação do (a): Prof. (a). Esp. Lorena Lopes de Freitas.

Abaetetuba / PA
2015

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

N385p Negrão, Michelle da Costa.
O processo da leitura e da escrita dos alunos de fundamental maior: : um estudo de caso em uma turma de 8º ano de uma escola estadual no município de Abaetetuba-PA / Michelle da Costa Negrão. — 2015.
50 f. : il. color.

Orientador(a): Profª. Esp. Lorena Lopes de Freitas
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2015.

1. Escola. 2. Texto. 3. Linguística textual. 4. Gêneros textuais. I. Título.

CDD 469

MICHELLE DA COSTA NEGRÃO

O PROCESSO DA LEITURA E DA ESCRITA DOS ALUNOS DE FUNDAMENTAL MAIOR: Um estudo de caso em uma turma de 8º ano de uma Escola Estadual no Município de Abaetetuba-Pará.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, PARFOR Letras Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado Pleno em Letras.

Data de aprovação: 05 /02/2015

Banca Examinadora

_____ - Orientador
Prof.º

Prof.º

Prof.º

Dedico em especial ao meu esposo Naldo amor da minha vida, por ter entrado nela de uma forma tão especial e me proporcionar diariamente um êxtase de felicidade, ser um companheiro dedicado, honesto, humilde, generoso, paciente, pai maravilhoso, o maior incentivador das minhas conquistas pessoais e profissionais e acima de tudo um homem de fé.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus e a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro por iluminar meus caminhos conduzindo- os sempre por rumos certos, pela saúde, proteção, sabedoria, erguendo-me sempre nos momentos de fraqueza e fortalecendo minha fé e devoção .

Agradeço ao meu filho Luciano, pelo amor, carinho, força, paciência e de uma certa forma ter que aceitar as inúmeras ausências da minha parte para ter que estudar, com o objetivo de conquistar meus ideais para transformar sua vida mais alegre, prazerosa, cheia de oportunidades e lhe oferecendo tudo o que meus pais não puderam me proporcionar. Te Amo.

Aos meus pais que incansavelmente me incentivam a lutar pelos meus objetivos e conquistá-los com respeito ao próximo, humildade, honestidade e fé.

Aos meus irmãos, por sempre me apoiarem e me incentivarem nos momentos difíceis e principalmente por cuidar do meu filho e assim poder estudar um pouco tranquila.

A minha tia, madrinha e mãe de criação que me ensinou que a melhor forma de mudarmos as nossas vidas e conquistarmos o sucesso é através dos estudos e da dedicação.

Aos meus amigos: Adriana, José Maria (Zema) e Odaléia, os quais pude compreender que uma verdadeira amizade se fortalece através da compreensão, carinho, dedicação, ajuda e acima de tudo respeito as diferenças que se fazem presentes e como identidade de cada ser humano.

A professora Lorena Freitas, pelas suas orientações, respeito, atenção, paciência, dedicação e compreensão, qualidades essas que faltam a muitos seres humanos com um grau de instrução educacional maior, desprezando a sabedoria do outro.

Ao Campus universitário e a Faculdade de Letras, representados por seus coordenadores e professores que sempre com competência doaram-se para contribuir com nossa formação profissional e principalmente pessoal.

A palavra texto provém do latim **textum**, que significa tecido, entrelaçamento..., o texto resulta de um trabalho de tecer, de entrelaçar várias partes menores a fim de obter um todo inter-relacionado. Daí poder falar em textura ou tessitura de um texto: é a rede de relações que garantem uma coesão, sua unidade.

INFANTE, 1991

RESUMO

O trabalho que tem como Tema: O PROCESSO DA LEITURA E DA ESCRITA DOS ALUNOS DE FUNDAMENTAL MAIOR: Um estudo de caso em uma turma de 8º ano de uma Escola Estadual no Município de Abaetetuba-Pará está baseado na linha de pensamento de teóricos que fundamentam a escrita de um texto e nas ações reflexivas da construção de um texto sendo eles: **Bentes (2001; Ferreiro e Teberosky (1999 ; Ferreiro (2001; Vigotsky (1999 ; Bezerra (2012** . Assim, objetivando escrever sobre o assunto com intuito de analisar os princípios teóricos que subsidiam a linguística textual tendo base refletir sobre a compreensão a cerca da ideia de referencial e sequencial enquanto rede de relações que constituem o texto. Pautada nesse objetivo surgiram questionamentos relevantes com relação ao foco de interesse vinculado ao referido trabalho como: Qual o conceito do texto? Qual é a abordagem conceitual sobre linguística textual? Qual a relação entre a teoria e a prática e a diferença entre referencial e sequencial? Tendo como pressuposto tais questionamentos optamos por realizar a pesquisa bibliográfica alinhada a prática da pesquisa de campo. Com base nas argumentações teóricas após realizarmos todas as etapas do trabalho concluímos que o texto tem seus componentes que precisam ser analisados e valorizados enquanto dialogo que possui suas próprias dimensões teóricas que fundamentam e os coloca em evidencia a ser explorado no campo dos conhecimentos linguísticos, obedecendo a uma estrutura textual a ser elaborada com argumentos discursivos claros e coesos.

Palavras - Chave: Escola. Texto. Linguística Textual. Gêneros Textuais.

ABSTRACT

The work that has as theme: THE PROCESS OF READING AND WRITING OF THE FUNDAMENTAL MAJOR STUDENTS: A case study on a 8 year class in a state school in the city of Abaetetuba Pará is based on the line of thought of theoretical underpinning writing a text and reflex actions of the construction of a text being: Bentes (2001; Smith and Teberosky (1999; Smith (2001; Vygotsky (1999; Bezerra (2012 Thus, in order to write about it with a view to analyzing the theoretical principles that support the textual language being based reflect on the understanding about the framework of idea and sequential as a network of relationships that constitute the text Guided that goal appeared relevant contesting the focus of interest linked to that work as: what the text of the concept? What is the conceptual approach on textual language? What is the relationship between theory and practice and the difference between reference and sequential? Based on the assumption these questions we decided to make lined literature the practice of field research. Based on theoretical arguments after take all the stages of the work we conclude that the text has components that need to be analyzed and valued as dialogue which has its own theoretical dimensions that underlie and puts in evidence to be explored in the field of language skills, according a textual structure to be developed with clear and cohesive discursive arguments.

Key - Words: School. Text. Textual Linguistics. Text Genre.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 01: Fonte: www.coladaweb.com . Ano 2013	26
IMAGEM 02: Fonte: pesquisa de campo. Ano 2013	34
IMAGEM 03: Fonte: pesquisa de campo. Ano 2013	37
IMAGEM 04: Fonte: pesquisa de campo. Ano 2013	39
IMAGEM 05: Fonte: pesquisa de campo. Ano 2013	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CAPÍTULO I - CONCEITUANDO LEITURA E ESCRITA	13
1.1 LEITURA	13
1.2 A ESCRITA E SUAS ORIGENS: SEGUNDO OS PCN'S	15
1.3 A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA NO PROCESSO DE ENSINO	18
1.4 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA.....	21
2 CAPÍTULO II – PRODUÇÃO TEXTUAL	
O TEXTO E SUAS DEFINIÇÕES CONCRETAS	24
2.1 ABORDAGEM CONCEITUAL	24
2.2 LINGUÍSTICA TEXTUAL: FUNDAMENTOS TEÓRICOS SOBRE A COESÃO E A COERÊNCIA ELEMENTOS QUE FUNDAMENTAM O TEXTO.....	28
3 CAPÍTULO III- O TEXTO EM EVIDÊNCIA: UMA ANÁLISE DAS PRODUÇÕES ESCRITAS NO ESPAÇO FAMILIAR	34
3.1 CONTEXTUALIZANDO A ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO LEONARDO NEGRÃO.....	34
3.2 ANÁLISES DA PRODUÇÃO TEXTUAIS NO ESPAÇO ESCOLAR	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Estabelecer a permanência do aluno na escola numa visão democrática e inclusiva exige que a dinâmica envolvendo a função social desse espaço seja concretizada. Convém salientar as diferenças sociais, culturais, físicas, étnicas ou econômicas que emergem no ambiente escolar influenciando em sua organização, assim, as práticas de ensino do professor devem ser sustentadas sob a ótica de promover a ascensão social dos indivíduos no meio social e cultural que fazem parte.

No contexto da organização escolar a função social da leitura e da escrita ganha sustentação teórica e ao mesmo tempo social, pois o ato de ler e escrever de forma convencional são movimentos necessários para se fazer parte da sociedade. Os diversos meios de comunicação que atualmente existe no mundo interferem no dia-a-dia na aprendizagem dos diferentes conhecimentos à medida que encarna valores sociais, econômicos, políticos e culturais que se sobressaem influenciando no linguajar, nas atitudes, enfim nas diversas dimensões que envolvem a comunicação.

Para tanto, a escola deve ratificar sua função social, proporcionando ao educando a possibilidade de desenvolvimento tanto no nível cognitivo quanto sócio-cultural, criando oportunidades que venham atingir o desenvolvimento cognitivo do aluno, levando-o a buscar sua autonomia no caminhar do processo de escolarização de sua vida. As linguagens possibilitam a aquisição dos conhecimentos e viabilizam a socialização. Dessa maneira, a produção textual faz parte da estrutura cognitiva do movimento que envolve o fortalecimento da aprendizagem da leitura e da escrita.

Produzir textos requer intencionalidade, objetividade, criatividade e estímulos organizacionais do pensamento. Bentes (2001) ressalta que o texto tem sentido amplo e ao mesmo tempo possui uma singularidade comunicativa a qual representa um acervo linguístico que favorece a internalização de informações ligadas a estrutura linguística. Nesse caso a Linguística textual tem sua função social previamente definida quando se trata de analisar a fonte conceitual que a define como foco de aprendizagem escolar.

Levando em consideração tal reflexão, destacamos que o referido trabalho é instrumento de debate, haja vista que circunda sobre a funcionalidade que um texto possui enquanto instrumento argumentativo de compreensão que permite

interlocução de quem lê e de quem escreve. Subsidiado por esse enfoque, informamos que o objetivo que nos levou a aguçá-lo a compreensão da temática do trabalho foi: analisar os princípios teóricos que subsidiam a linguística textual tendo base refletir sobre a compreensão de aceca da ideia de referencial e sequencial enquanto rede de relações que constituem o texto.

Visado ratificar nossas pretensões acadêmicas, elencamos alguns questionamentos relevantes com relação ao foco de interesse vinculado ao referido trabalho, são eles: Qual o conceito do texto? Qual é a abordagem conceitual sobre linguística textual? Por que é importante compreender o conceito e a diferença entre referencial e sequencial?. Tais questionamentos serviram de referência reflexiva na construção do trabalho, o qual esteve respaldado por meio da aplicação metodológica difundida através da pesquisa bibliográfica em consonância com a prática da pesquisa de campo.

A metodologia em questão, conforme Ludke e André (1999) sugerem algumas revelações tanto do espaço que está sendo realizado quanto dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Selecionamos a Escola de Ensino Fundamental e Médio Leonardo Negrão, situada no município de Abaetetuba. Nesse Espaço coletamos alguns textos produzidos por alunos do 8º ano, os quais se tornaram subsídios de pesquisa na organização de nossas compreensões sobre o que nos propomos investigar.

O objeto de estudo é o referencial que serve de fonte, alvo de análise contextual que o pesquisador se apropria para fundamentar suas visões interpretativas no ato investigativo que se propõe realizar. Fundamentada por essa abordagem, informamos que o trabalho está organizado em três capítulos e conclusão.

No primeiro capítulo conceituamos leitura e escrita, leitura, a escrita e suas origens segundo os PCN's, a importância da escrita no processo de ensino, as dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita.

No segundo capítulo, destacamos o texto e suas definições concretas, abordagem conceitual, linguística textual: Fundamentos teóricos sobre a coesão e a coerência, elementos que fundamentam o texto.

No terceiro capítulo o foco foi: O texto em evidência: Uma análise das produções escritas no espaço escolar, contextualizando a Escola de Ensino Fundamental e Médio Leonardo Negrão, análises da produção textuais no espaço escolar.

Na conclusão nossos argumentos se pautaram na trajetória de debates e análises que nos propomos vivenciar ao longo do tempo que elaboramos o trabalho, cuja oportunidade nos levou a buscar na escola dados concretos envolvendo a temática do trabalho. Desse modo, convém citarmos que a linguística textual é abordada na construção gramatical de anúncios escritos que podem ser utilizados como elo interpretativo daquilo que se escreve, se lê e se interpreta. Salientamos o seguinte, a linguagem enquanto pressuposto teórico segundo Marcuschi (2005) caracteriza-se na fala é a mais antiga das práticas sociais da civilização humana.

O texto ganha então destaque na escola ao se tornar um meio de aprendizagem e de aprimoramento da escrita, da leitura e dos conhecimentos científicos (conteúdos das diferentes disciplinas). É no limiar das discussões acadêmicas que os estudos teóricos fundamentam a organização de pressupostos conceituais, daí a importância da linguística textual como fonte de reflexão no referido trabalho.

CAPÍTULO I

CONCEITUANDO LEITURA E ESCRITA.

1.1- LEITURA

A leitura não estabelece em seu bojo distinção entre seu ato e sua função, porque sua natureza essencialmente social se encoraja de criar necessidades e mecanismos de sobrevivência para direcioná-la, conduzindo-a não apenas à resolução de questões inerentes e suas necessidades, mas também quanto ao funcionamento de elementos que permitem adotá-la como alternativa de lazer, afinal, pensar a literatura como um instrumento meramente pedagógico não contempla a grandeza de suas possibilidades, tampouco, ajudaria o homem atual a fazer usufruto desse importante acervo cultural da humanidade.

Para Silva (1996, p.56) “(...) todos os seres humanos possuem potencial inato (biológico e psíquico) para ler e compreender qualquer tipo de linguagem (...)”. A leitura da qual se refere Silva pode ser interpretada como aquela leitura significativa para os indivíduos de forma que compreendam a própria realidade, possam agir e transformá-la. Mas é preciso que se analise a natureza dos significados imediatos, é preciso identificar os objetos que pertencem ao cotidiano para se beneficiar de suas atitudes (aos modernos instrumentos multimídias são um exemplo dessa natureza, pois são máquinas que trazem facilidades para resolver muitas situações cotidianas, mas é preciso que se tenha domínio sobre elas) porque mesmo considerando a rapidez das mudanças, o fato da informação multimídia e formação escolar acontecerem em tempo real, não significa que uma esteja suprimindo a necessidade da outra.

O despertar para o hábito da leitura como um canal de ligação entre o querer e o poder, uma vez que os livros tecem análises que desvela a ideologia vigente (tema que no momento não irei estender) é possível que esse seja um dos principais elementos que definem o pouco interesse em disponibilizar meios diversos que facilitem o acesso para democratizar o hábito da leitura. “Dessa forma: em sociedade são múltiplos e diversificados os usos da leitura (...)” (SILVA, 1996, p. 58).

As competências da leitura não aparecem automaticamente; precisam ser ensinadas, incentivadas e dinamizadas pelas escolas no sentido de que os estudantes, desde as séries iniciais, desenvolvam atitudes de questionamento perante os materiais escritos. Uma democracia, no fundo, assinala a possibilidade

de convivência com diferentes pontos de vista e diferentes condições. Daí, que, sem criticidade e sem espaço para a prática da criticidade, fica impossível analisar os pontos de vista e as condições em circulação no sentido de que os símbolos escritos e unidades de sons e também o processo de construir uma interpretação de textos escritos.

Ser integrante de uma cultura social que organiza seu acervo a partir da escrita, inevitavelmente, induz-se a acreditar que haja, nesse sentido, uma estrutura funcional que possibilite meios para a construção da identidade individual como seres pertencentes a esta, assim como suas condições de vivência, a partir dessa perspectiva, a habilidade de ler, compreender os significados e delimitar novos objetivos faz-se, necessariamente entre a relação leitura e discurso individual ou coletivo e que culturalmente se construiu e condicionou acreditar, instigar e problematizar a construção de conhecimentos, na busca de identificar e apreender possibilidades e nuances no processo de elaboração conceitual das crianças.

Ao falar-se da leitura como objeto de construção de conceitos não se pode ignorar que a leitura de mundo é uma importante categoria conceitual, capaz de significar tal prática, conseguindo dar vida aos anseios individuais mais imediatos daqueles que, por razões diversas, não tiveram acesso ao processo formal de educação o qual constitucionalmente todos têm direito e a quem, relativamente, tende-se a atribuir o sucesso ou retrocesso do processo sócio-político-cultural de uma nação, que muitas vezes exige uma reflexão mais profunda acerca de sua condição para a sobrevivência, num espaço que se pode considerar um teia onde se introduz riqueza e miséria.

Para Silva (1996, p.62-63) "(...) A leitura é um direito de todos os cidadãos pertencentes a uma sociedade letrada para garantir-lhes a sobrevivência e convivência social". Isto é particularmente importante porque os sujeitos que vivem na condição de "miseráveis" estão sujeitos a viver à margem de tal processo educativo que, embora seja básico, parece sucumbir mediante manobras que mascaram tal realidade. "O desafio da sociedade letrada não se concentra apenas na necessidade econômica que possibilite a promoção de condições de acesso aos meios que favorecem a convivência social" (SILVA, 1996, p. 63) como na escola.

Paralelo a isso é imprescindível que não haja afrouxamento quanto ao esforço em promover acesso àqueles que ainda se encontram excluído, para não permitir que a desigualdade sócio-educativa perpetue-se como distorção social irreversível

esteja levada adiante sem que a percepção e prática do letramento estejam realmente condizentes com a realidade social.

Os indivíduos da sociedade letrada dispõem igualmente das facilidades e preocupações da modernidade, pois apesar desse estágio ser o reconhecimento enquanto superação no que refere-se a questão educacional, da mesma forma, camufla-se a realidade pouco confortável de que numa sociedade de classes, embora haja tentativa substancial de melhorar as condições econômicas e sociais tanto individuais quanto coletivas, ainda assim, a desigualdade é que sustenta esse modelo de sociedade de forma que a educação formal, via leitura, fornece elementos de resignação do pensar e é provável que tal fator esteja entre os responsáveis em atribuir ao setor educacional uma visão estratégica, por que seu controle é uma forma “de cuidar” do mecanismo sob qual estão agregados todos os indivíduos.

Assim, a estrutura de poder existente numa sociedade é quem define a posição que cada indivíduo deve ocupar e flexibilizar o funcionamento dessa estrutura, pode significar a perda de controle. Construir-se-ia, dessa forma, um nivelamento significativo das classes sociais, o que representaria ameaça à manutenção do poder existente. É preciso então que cada ser humano busque através da leitura uma visão crítica e reflexiva da sociedade atual, para poder contribuir de forma ativa dentro da mesma e com isso fazer exercer o seu direito de cidadão, distribuindo-se esse “poder” nas mãos de todos, mas não ver essa cidadania somente numa visão curta, ou seja, somente quando os meios de comunicação anunciarem que as eleições estão próximas e sim exercer a cidadania como uma “constante dinâmica de construção e reconstrução” da vida, na vida e para a vida, pois, é direito de todos. Todos os dias é ter o direito a sua dignidade humana, é ser livre para pensar e refletir sobre o que é melhor para sua vida.

1.2- A escrita e suas origens: segundo os PCN'S

A aquisição da escrita é um tema bastante discutido e controverso, segundo PERROTA (1994), referem-se frequentemente (em seu cotidiano) aos profissionais que se deparam com algumas ideias distorcidas ou mal compreendidas com relação ao início do aprendizado formal da escrita.

O objeto da escrita sob diferentes pontos de vista afirma que não há dúvidas de que a escrita corresponde a um objeto complexo de aprendizagem e que através desta, uma nova forma de expressão e de uso da linguagem estará viabilizada. Por outro lado, Navas & Santos (2004) consideram que a escrita é construída por estruturas e vias que participam de sistemas funcionais cerebrais previamente adquiridos. Dessa forma, no processo de aquisição da linguagem escrita, o indivíduo passa por uma remodelação de seus circuitos neuronais, o que ocorre devido ao processamento da linguagem. Os mais importantes sistemas funcionais são o sensorial, motor, linguagem oral, memória e atenção, que juntos realizam a função de leitura e escrita.

Para autores como Tsvétkova (1977) e Luria (apud Goldfeld 1998) o processo de escrever exige um certo número de capacidades que precisam ser cultivadas, como a capacidade de análise da palavra falada e de uma correta configuração dos fonemas falados para um bom desenvolvimento da ortografia. Assim, pois, a aptidão para dividir a cadeia falada em seus elos menores - os fonemas – e a capacidade para reconhecê-los, diferenciá-los e sequenciá-los na ordem em que se apresentam é essencial para a escrita.

Jorin (1993) apud Moraes (1998) considera importante dois fatores: o raciocínio viso-espacial e as habilidades linguístico-perceptivas. O primeiro aspecto citado interfere nas funções visuais superiores e diz respeito à percepção visual, à memória visual e motora, à orientação, posição e noção espacial. Já o segundo diz respeito à percepção de frases, palavras, fonemas, ruídos e sons e à percepção melódico-rítmica, bem como à memória de ruídos e sons, ao conhecimento de vocabulário básico e ao reconhecimento de palavras ausentes.

Segundo Zanini (apud Lazzarotto & Cielo 2002) para saber ler e escrever, a criança precisa estabelecer a correspondência entre o código escrito e o falado, e compreender que a fala é representada através de palavras constituídas de unidades menores, as quais combinando-se entre si e de maneiras diferentes, dão origem a outras palavras. Para que isso ocorra, ela deve ter desenvolvido as habilidades metafonológicas de segmentação e síntese fonêmicas.

Ferreiro e Teberosky (1999) ressaltam que entre as propostas metodológicas e as concepções infantis, existe uma distância que pode medir-se em termos do que a escola ensina e do que a criança aprende. O que a escola pretende ensinar nem sempre coincide com o que a criança consegue aprender. Nas tentativas de

desvendar os mistérios do código alfabético, o docente procede passo a passo, do que ele considera simples ao complexo, fragmentando todo o processo de aquisição da língua escrita. Essa forma que a escola vem “ensinando” a escrever desconsidera todo o processo de construção da criança, que na verdade, para adquirir o código alfabético, reinventam a escrita, a sua maneira. Isso porque a escrita é um processo de construção pessoal, e não uma mera cópia de um modelo externo.

A escrita pode ser considerada como uma representação da linguagem ou como um código de transcrição gráfica da unidade sonora, envolvendo um processo de diferenciação, seleção dos elementos e relações que serão retidos na representação. A diferença essencial entre a representação e a codificação é a seguinte: no caso da codificação, tanto os elementos como as relações estão determinadas, o novo código não faz senão encontrar uma representação diferente para os mesmos elementos e a mesmas relações; já no caso da criação de uma representação, nem os elementos nem as relações estão predeterminadas. Precisa ser levado em consideração que a escrita foi criada em um processo histórico de construção de um sistema de representação, não como um processo de codificação (FERREIRO, 2001).

A prática da produção textual tornou-se algo indispensável para o ensino da aprendizagem da língua materna, uma vez que é no texto que a língua “(...) se revela na sua totalidade quer enquanto forma quer enquanto discurso” (GERALDINI, 1993, P. 135). Segundo os PCN's (BRASIL, 1997, P. 35) a partir do texto o aluno tanto pode aprender a escrever palavras e frases, como ordená-las de modo a produzir algo com qualidade. Aos alunos iniciantes o que se constata é que os textos destinados aos alunos iniciantes apresentam uma “confusão entre a capacidade de interpretar e produzir, a capacidade de ler sozinho e escrever a próprio punho. Aos alunos são oferecidos textos curtos e simplificados” (BRASIL, 1997, p. 36). Com essa visão acredita-se que o aluno terá mais facilidade para entender e interpretar um texto pequeno e simples.

Sendo o texto um elemento indispensável na aprendizagem da escrita e da interpretação em leitura, faz-se necessário observar as varias maneiras os diferentes modos de escrita dos textos. A produção textual do aluno deve ser levada a sério tanto pelo professor quanto pelo aluno. Quando a produção é lida apenas para atribuir nota é comum o estudante deixar de lado e não observar as anotações do professor. Mas, se o professor faz com que o aluno reescreva sua produção

observando os apontamentos, assim o estudante acaba observando e refletindo, amadurecendo as ideias e conseqüentemente um novo texto com mais qualidade.

A refacção faz parte do processo da escrita (ela é a profunda reestruturação do texto). Os procedimentos de refacção começam de maneira externa, pela mediação do professor que elabora os instrumentos e organiza as atividades que permitem aos alunos sair do complexo **(o texto- ir ao simples e questões a serem estudadas- e retornar ao complexo)** (... Por meio dessas práticas mediadas, os alunos se apropriam das habilidades necessárias a autocorreção. PCN (BRASIL, 1998, p. 77-78)

De acordo com o documento o professor é o mediador entre o texto e o aluno, ele busca encaminhar o individuo através do apontamento para uma escrita mais elaborada e ao mesmo tempo em que o estudante realiza a autocorreção de seu texto, percebe as necessidades das funções gramaticais para a elaboração de uma ótima produção textual.

Ensinar é dar condições ao aluno para que ele se aproprie do conhecimento historicamente construído e se insira nessa construção como produtor de conhecimento. Ensinar é ensinar a ler para que o aluno se torne capaz dessa apropriação, pois o conhecimento acumulado está escrito em livros, revistas, jornais, etc.

1.3 A importância da escrita no processo de ensino

A leitura e a escrita vêm sendo um dos fatores fundamentais para a inserção do ser humano na sociedade atual. O ato de ler pode fornecer ao leitor o acesso às informações, à ampliação do vocabulário, o desenvolvimento da criticidade, o interesse na busca por novos conhecimentos sobre assuntos variados, além de instigar o leitor a pensar criticamente sobre diversas questões que podem impulsionar suas relações sociais com o meio em que vive. Conseqüentemente, através de uma leitura informativa ou formativa, o indivíduo poderá aprimorar a escrita, desenvolvendo-a com mais coesão e conhecimento científico, cultural por informações pertinentes a um determinado assunto. A leitura e a escrita não podem ser definidas como uma simples decodificação de símbolos, mas sim um meio para ampliar os conhecimentos dos alunos e sua visão de mundo.

Na Antiguidade deu-se importância no aprendizado da leitura e da escrita, onde grandes civilizações como a helênica e a romana tornaram-se modelo,

introduzindo sua juventude na aprendizagem das primeiras letras e assim expandindo essa atividade educacional, deixando a responsabilidade de alfabetizar a um órgão educacional – a escola. Antes do século XVII as instituições de ensinar a ler e a escrever se expandiram de um modo paulatino e irreversível alcançando aos poucos todas as áreas da sociedade. Isto levou alguns autores a essa discussão como Magnani (1989, p. 35) onde relata que: “para ler e escrever é preciso, antes de mais nada, ser alfabetizado, tarefa que em nossa sociedade, cabe historicamente à escola”. Como a escola tem como sua principal tarefa ensinar os alunos a ler e escrever, os professores que nela atuam devem ter a plena consciência dessa importância perante os alunos e devem proporcionar momentos em que os alunos entrem em contato com a leitura e a escrita através da observação do próprio professor no ato de ler e escrever, o contato com os mais diversos tipos de textos deve ser voltado para o estímulo de aprender a ler e escrever. Para isso, a escola precisa ter em sua proposta pedagógica, objetivos claros para a efetivação educacional levando em consideração que: “A leitura e a escrita são muito importantes para que as pessoas exerçam seus direitos, para que possam trabalhar e participar da sociedade com cidadania, se informar, formar e aprender coisas novas ao longo de toda a vida”. (BRASIL, 2006, p. 05).

Seguindo esse pensamento, a proposta pedagógica da escola deve apresentar explicitamente em seus objetivos, o quê e como os alunos vem compreendendo a leitura e a escrita em cada etapa da sua escolaridade. “A leitura e a escrita são fundamentais para o aprendizado de todas as matérias escolares. Por isso, em cada ano/série o aluno precisa desenvolver mais e mais sua capacidade de ler e escrever” **(id)**. Sendo assim, a escola necessita organizar a sua prática educacional para atender a toda a demanda escolar, possibilitando a todos, o acesso pleno da leitura e da escrita. No entanto, as práticas de ensino da leitura e da escrita constituídas na escola, devem esclarecer aos alunos que ao enfrentar a realidade social, não basta simplesmente saber ler e escrever, pois os indivíduos necessitam ter um domínio, não apenas a tecnologia do ler e do escrever, mas também que saibam fazer uso dela, incorporando-a a seu viver, transformando assim, a sua vivência cotidiana.

A leitura é importante em todos os níveis educacionais. Logo, deve iniciar no período da alfabetização e continuar nos diferentes graus de ensino. Ela constitui-se numa forma da interação das pessoas de qualquer área do conhecimento e que

deve estar ligada ao sucesso do ser que aprende. A leitura permite ao homem situar-se com os outros, possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências. “Leitura não é um ato solitário; é interação verbal entre os indivíduos”. (ORLANDI et al, 2005, p. 18). Através do hábito da leitura, o homem pode tomar consciência das suas necessidades e de auto educar-se, promovendo a sua transformação e a do mundo. O aumento de leitores significa acesso às informações mais objetivas. Com isto, passarão a ser críticos da realidade, além de tentar transformar essa realidade a partir do que foi conhecido e construído durante as leituras.

Ler significa não só ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras, mas também estudar a escrita, decifrar e interpretar o sentido, reconhecer e perceber. Quando se lê textos e, se reescreve outro texto, baseado no texto lido, dar-se-á continuidade nas ideias de quem escreveu textos escritos, representam uma experiência de vida, fatos que podem formar pensamentos e conceitos de outros sujeitos sociais que tenham diferentes valores e modo de agir. Segundo Kramer (2003, p. 66):

“O que faz de uma escrita uma experiência é o fato de que tanto quem escreve quanto quem lê enraízam-se numa corrente, constituindo-se com ela, aprendendo com o ato mesmo de escrever ou com a escrita do outro, formando-se. (...)”.

A leitura e a escrita podem à medida que se configuram como experiência, desempenhar importante papel na formação.

O ser humano necessita de uma educação escolar que lhe proporcione uma aprendizagem capaz de fazer com que o meio no qual está inserido seja transformado, entre o melhor entendimento de suas próprias ações e atitudes, as quais devem ser coerentes com a dignidade humana, acompanhadas sempre da justiça e da boa interpretação das ideias e pensamentos de outros. O ato pedagógico deve levar através da leitura uma visão de mundo, onde o aluno possa compreender a sociedade em que está inserido, para que assim, possa se auto compreender criticamente dentro dela, entendendo e descobrindo os porquês dos diferentes aspectos de vida e as classes sociais.

Para isso:

“[...] deve-se combater com todas as forças a tendência corrente de entender o ato pedagógico unicamente como sinônimo de leitura. O ato

pedagógico envolve sim, leituras da realidade e de textos que expressam realidade, mas esse ato não pode ser entendido de forma tão mesquinha ou estreita. O ato pedagógico é muito mais abrangente e complexo. Tem, na base, o diálogo entre professor e aluno e no horizonte, os vários campos da cultura e do conhecimento.” (SILVA, 2005, p. 13-14).

Neste sentido, a educação tem o dever de formar leitores competentes, que compreendam e interpretem aquilo que se lê; que consigam ler também o que não está escrito; que tenham a capacidade de identificar elementos implícitos; que possam estabelecer uma relação do texto em que está lendo com outros textos lidos anteriormente; que saibam que em um texto se pode atribuir vários sentidos. Sendo que para constituir um leitor competente é necessária uma prática constante de leitura, partindo de um trabalho organizado em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Logo, com a formação de leitores, também se está formando escritores onde as palavras têm um poder mágico.

Portanto, precisa-se ter consciência do alcance e da força que elas possuem para poder aproveitar a riqueza que existe nas entrelinhas, naquilo que está além do simples significado, para que haja entre o emissor e o receptor um rico entendimento nas diversas formas de comunicação e de uso da linguagem. A escrita possibilita a transmissão de informações significativas para outras gerações e assim contribuímos para o avanço da humanidade.

1.4- As dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita.

Desde que a escola foi instituída como espaço de formação de leitura e escrita no processo de aprendizagem a produção de texto tornou-se a principal vilã dos educandos, apesar de estarmos no século XXI essa realidade não teve muita mudança o que vem passando por diversas gerações e infelizmente deixando consequências consideráveis em nossa sociedade. Tendo como objetivo principal a descoberta das causas para o pavor de escrever, suas consequências e possíveis soluções e que nos questionamos na relação do homem e a escrita, desde os tempos primitivos.

O sistema de escrita evoluiu de forma autônoma e não sofreu influências mútuas. As escritas mais antigas são a escrita *cuneiforme* e os *hieróglifos*, ambos os sistemas de escrita criados há cerca de 6 mil anos. Os hieróglifos originaram-se no

Antigo Egito e a escrita cuneiforme na Mesopotâmia (atual Iraque). Em geral, a escrita e a sua interpretação ficavam restritas às camadas sociais dominantes: aos sacerdotes ou à nobreza. Desde então, quem tinha a habilidade de escrever, detinha certo poder em relação aos demais.

Atualmente, a situação é semelhante, visto que escrever, ainda não é uma habilidade universal, ou seja, nem todos conseguem efetivar o ato de se comunicar com sucesso através do processo da escrita. Contudo, é interessante ressaltar que “a criança, antes mesmo de ser alfabetizada, já possui hipóteses sobre a escrita” (FERREIRO, 1985, p. 18). Portanto, a relação que a criança desenvolve com a escrita alfabética segue o mesmo percurso que os humanos na construção da escrita, isto é, a criança acredita que pode representá-la, inicialmente, através de desenhos, ícones, para depois ir gradativamente compreendendo a função das letras em sua quantidade necessária para alcançar uma escrita alfabética.

Diante do papel em branco é comum toda humanidade sentir dificuldade, desde os iniciantes no processo de produção escrita aos grandes escritores, conhecidos por suas obras literárias. Podemos enumerar algumas situações na dificuldade da escrita como: o problema é colocar no papel minhas ideias, não consigo agradar a professora porque escrevo muito errado, a folha em branco é uma tortura, escrever não é prático como ligar e desligar qualquer aparelho eletrônico, não é fácil como comprar um disco pirata na esquina, três reais e coisa e tal, não sei terminar um texto parece que dá um nó na cabeça e fica tudo pela metade.

Uma produção textual se constrói, às vezes lentamente, muitas vezes penosamente, raras vezes facilmente. Mas qualquer pessoa pode escrever desde que tente para valer. Talento natural existe e ajuda, mas não é tudo. Aprendi que escrever requer uma enorme bagagem de conhecimentos específicos, adquiridos apenas através da leitura. Aprendemos a escrever muitas vezes sem saber que estamos aprendendo e a ênfase na eliminação de erros resulta na eliminação da escrita. A cópia não é crime, pelo contrário, é inevitável e natural no início do processo da escrita. Agora me sinto com a consciência leve, pois já perdi a conta de quantos autores já me foram úteis na composição dos meus textos. Escrever sem receio qualquer tipo de texto é uma façanha quase impossível, no entanto, as dificuldades mencionadas merecem atenção.

O simples fato de redigir um bilhete, fazer anotações de uma palestra, escrever uma carta deixa muita gente sem cor diante do papel em branco que se

assemelha a um fantasma, tamanho o pânico que se instaura no indivíduo. Diante desse contexto, como a escola vem trabalhando a produção escrita? Que mecanismos utilizam para sanar essa dificuldade acima descrita, formando produtores de textos? Quais tipos de textos valorizam em sua prática?

Diante destes questionamentos é fundamental que as aulas de Português ofereçam oportunidades para o uso e aprimoramento da linguagem oral e escrita, por meio da leitura, compreensão e produção de textos dos mais variados gêneros. Na definição de **TEBEROSKY & TOLCHINSKY (1997, p. 25)**, o ato de escrever pode ser visto como: “Uma atividade intelectual em busca de uma certa eficácia e perfeição, que se realiza por meio de um artefato gráfico manual, impresso ou eletrônico, para registrar, comunicar, controlar ou influir sobre a conduta dos outros, que possibilita a produção e não só a reprodução, apresentando uma intenção estética.” Ferreiro e Luria (apud AZENHA 1995, p. 19) chamam a atenção para o papel do conhecimento histórico do aluno.

Portanto, as atividades de ler e de escrever possuem uma trajetória anterior à escola e não ficam restritas a ela. A leitura e a escrita precisam ser fatores relevantes, tanto para o professor como para o aluno, para que de fato a aprendizagem se concretize e devem ser consideradas, segundo VYGOTSKY (1999, p. 156), como: “uma necessidade intrínseca que deve ser despertada nas crianças e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante à vida”. Só então poderemos estar certos de que ela se desenvolverá não como hábito de mãos, mas como uma forma nova e complexa de linguagem.

CAPÍTULO II

PRODUÇÃO TEXTUAL

O TEXTO E SUAS DEFINIÇÕES CONCEITUAIS.

No campo de estudos envolvendo a produção textual é de extrema importância desenvolver diálogos que venham realmente tirar dúvidas, conceituar e explicar a rede de relações que subsidia a análise de um texto de um processo de escolarização. Na escola, o aluno vivencia por etapas aprendizagens que podem auxiliá-lo a produzir uma escrita coerente e coesiva acerca da mensagem que deseja criar. Para fundamentar nossas argumentações nesse capítulo abordaremos as dimensões de um texto a partir de fundamentações teóricas são de extrema importância para que façamos reflexões acerca do conceito de texto e suas dimensões enquanto suporte que tem especificidades que devem ser compreendidas e identificadas quando se analisa um texto escrito.

2.1- Abordagem conceitual

Mesmo nos tempos remotos os gritos e formas de comunicação ainda no caráter rudimentar envolviam e permitiam a socialização humana. A linguagem escrita utiliza códigos linguísticos que ao serem processadas pelo pensamento se fundamentam por meio da expressão falada, interpretada e analisada formam um conjunto de conhecimentos relevantes para formação e apreensão de valores produzidos pela humanidade. A língua escrita e a leitura tornaram-se meios sociais de socialização.

No ambiente escolar emergem as primeiras relações sociais de forma mais planejada, já que o ambiente familiar também assume a responsabilidade de exercitar tais relações, mas é a escola que aprimora o desenvolvimento afetivo, social e cognitivo do aluno. O processo ensino aprendizagem deve ter como objetivo a organização da interação humana nas suas várias situações, nesse sentido é necessário valorizar as variantes linguísticas que emergem como fonte de conhecimento.

É importante valorizar a cultura linguística da criança no espaço escolar, a fim de tornar possível sua inserção no mundo da comunicação. É de suma importância ampliar o contexto de convivência da criança de forma ascendente, oportunizando-a

a envolver-se nos diversos meios de comunicação que existe na sociedade. Para que os alunos venham adquirir a habilidade de ler, escrever e compreender textos, compreender o mundo, ultrapassar as barreiras das mensagens textuais, faz-se necessário explorar os recursos textuais como princípio de aprendizagem escolar.

Koch (2008) afirma que o texto se concretiza por um conjunto de palavras e frases que criados numa estrutura de argumentos criam uma rede de informações e conhecimentos relevantes para a formação humana. O texto transmite mensagens, possui unidade linguística de extensão informativa. Ele nada mais é de que uma sequência de enunciados contextuais a serem apreendidos cognitivamente. Um texto é matéria escrita, pode vir agregados de linguagens verbais e não verbais, tem uma função expositiva, pois nele se fazem presentes processos linguísticos envolvendo construções gramaticais, operam a comunicação entre o leitor e o autor do texto. Diz respeito à organização de ideias, pensamentos, visões e informações ligadas a um determinado fenômeno ou tema social, cultural, político, educacional. Um texto deve ser composto de elementos coesivos e coerência comunicativa.

O texto tem sua importância no campo por focar ações práticas envolvendo análise ou interpretação. É uma forma particular de compreender e conceituar o significado de um texto, pontuando a linguagem que ele se encontra. Nele podem aparecer produções nas mais diversas linguagens, as quais poderão ser identificadas numa linguagem ligada as artes plásticas, da música, arquitetura, cinema, teatro, entre outras áreas de conhecimento. Quanto a um conceito teórico, convém destacar que:

A palavra texto provém do latim **textum**, que significa tecido, entrelaçamento..., o texto resulta de um trabalho de tecer, de entrelaçar várias partes menores a fim de obter um todo inter-relacionado. Daí poder falar em textura ou tessitura de um texto: é a rede de relações que garantem uma coesão, sua unidade. (INFANTE, 1991, p.5)

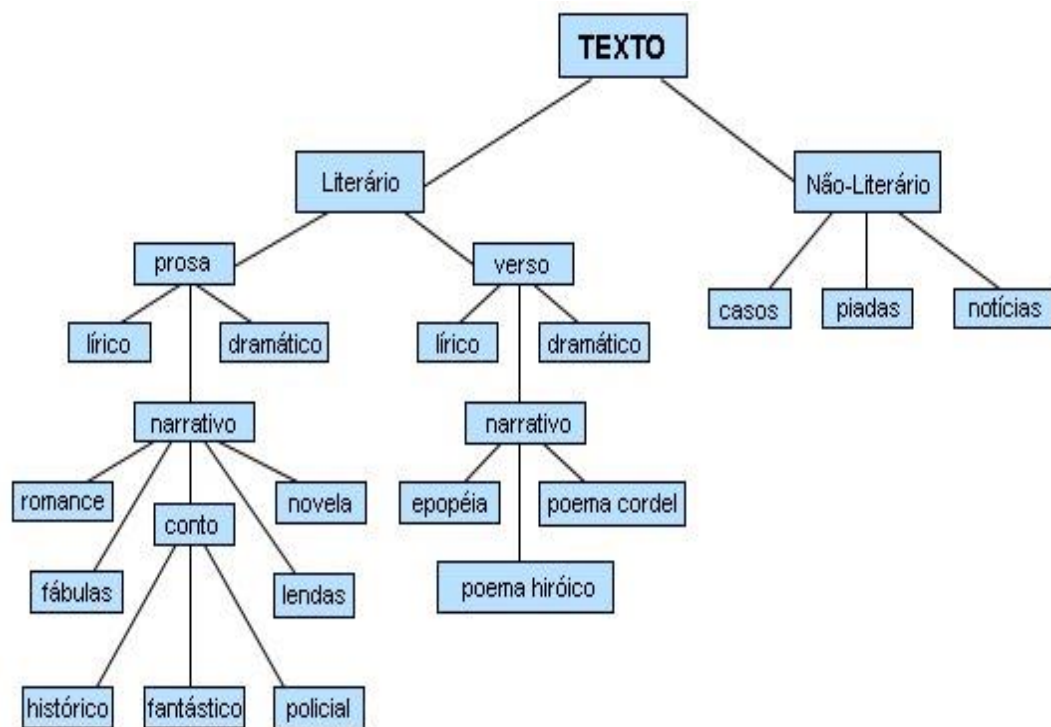
A interlocução presente no texto resulta numa rede de relações, e são elas que definem a consistência da escrita, cujo resultado pode levar a consistência interpretativa e funcional. Um texto tem uma função de produzir e reproduzir conhecimentos sobre diferentes áreas de conhecimentos. O texto pode ser: literário e não literário. Em um texto literário o sujeito se apropria de uma linguagem literária, pois nele apresenta dimensões estéticas as quais estimulam o despertar do interesse do leitor. A estética aparece textualmente a partir dos diversos recursos

linguísticos e técnicas literárias aparecem nesse tipo de texto por meio de mecanismos semânticos e fônicos. Particularmente o autor textual ao escrever um texto literário utiliza uma linguagem, com palavras adequadas para expressar as suas ideias de forma cuidadosa e criteriosa, pois deve corresponder a um estilo textual. As poesias, por exemplo, fazem parte desse tipo de texto.

Já os textos não literários se destacam por enfatizar elementos explicativos persuasivos, comunicativos. São utilizados para informar e explicar aos leitores de forma clara e objetiva determinados assuntos com predominância de uma linguagem denotativa. Exemplos de textos não literários: texto didático, reportagens, notícia. Esses textos apresentam-se numa linguagem clara e ganha relevância devido o caráter social que muitos apresentam.

Os textos literários e não literários são assim classificados, vejamos no organograma abaixo:

IMAGEM 01



FONTE: www.coladaweb.com

É conveniente destacar que todo texto se concretiza numa estrutura que possui o eu sentido ligado a uma determinada situação. O texto envolve interlocutores. Segundo Marcuchi (2005) ressalta que muitas vezes um texto escrito imbricado de uma linguagem desproporcional segundo a língua padrão, mesmo com

linguagem incompreensível ou inadequado, ainda assim, para o escritor e talvez para alguns leitores ele tenha uma mensagem a ser enunciada. A textualidade pode ser construída por meio de textos como: narrativos, dissertativos e descritivos.

O texto narrativo é construído por meio de uma sucessão de fatos ligados a um determinado acontecimento. Nesse tipo de texto deve-se aparecer alguns elementos, como narrador, personagens, discurso, tempo e espaço. A narração se caracteriza pela organização de uma sequência de fatos, onde os personagens aparecem numa linguagem que envolve: tempo, espaço e conflito.

O descritivo é elaborado num processo de descrição minuciosa, detalhada, apresentando características e elementos, por exemplo, de: uma pessoa, objeto, animal ou lugar. Esse tipo de texto deve ser usado para descrever de maneira clara detalhes das impressões adquiridas por meio de observações, lembranças e conhecimentos acerca dos elementos descritos. O texto descritivo se sobressai por utilizar adjetivos, locuções adjetivas, verbos de ligação, emprego de metáforas.

O dissertativo é uma produção textual que apresenta ideias, percepções, visões, interpretações e argumentos acerca de um determinado assunto. Consiste numa produção convincente, pois é uma forma particular de expor argumentos que venham convencer o leitor do conteúdo do texto. Conceitua-se pela exposição de ideias, reforçadas em argumentos lógicos e convincentes acerca de um determinado assunto.

O texto dissertativo deve ser elaborado de forma argumentativa, considerando três partes essenciais que devem aparecer nesse tipo de textos, são elas: Introdução (1º parágrafo), diz respeito à anúncia do tema, destacando a essência do foco argumentativo a ser explorado. A segunda parte é o desenvolvimento (2º parágrafo, antecedendo ao último parágrafo). Deve-se usar nesses parágrafos argumentações, na qual o autor do texto dê sua opinião tentando persuadir o leitor usando sem usar a primeira pessoa, mas se faz presente na terceira pessoa. A conclusão (último parágrafo) o autor resume suas argumentações, propõe soluções para o problema centro da discussão textual.

Como é possível observamos os tipos de textos podem ser utilizados como produção escrita num universo amplo da comunicação social em diversos tempos e contextos. A linguagem se concretiza num elo de relações humanas e é ela que viabiliza os conhecimentos produzidos nas sociedades nas formas dos diferentes conhecimentos. Segundo os PCNs (1999) o ensino da escrita relacionando a

produção de textos deve ser proporcional à instigação do aluno quanto à compreensão das variantes linguísticas, diferentes assunto e funções da estrutura gramatical padrão segundo a Língua Portuguesa.

A escrita de um texto pode ser trabalhada na escola nas diversas áreas de conhecimento, porém sua função social deve ser bem definida enquanto instrumento de aperfeiçoamento da linguagem escrita e da leitura a partir de orientações gramaticais na disciplina Língua Portuguesa, haja vista que ela que trabalha as especificidades da língua convencional. O texto deve funcionar como mecanismo de comunicação, desempenhando no meio social a produção e interpretações coerentes com a intencionalidade do escritor e do leitor. Essa é a dinâmica viável que faz do texto instrumento de comunicação.

2.2- Linguística Textual: Fundamentos Teóricos sobre a Coesão e a Coerência, elementos que fundamentam o texto.

A Linguística Textual entrou no campo dos debates na década de 70. Bentes (2001) comenta que o objetivo central dos debates esteve relacionado com a necessidade de expor os fenômenos sintático-semânticos que se fazem presente entre enunciados e de suas sequências. Esse olhar é conhecimento como análise transfrástica. Trata-se de uma forma particular de distinção dos fenômenos que constituem os elementos da coesão e da coerência textual, tendo como foco o teor gramatical presente no texto.

Num processo evolutivo no campo dos estudos ligados a Linguística Textual já na década de 80 surgiram várias tendências, as chamadas Teorias do texto erizado pela existência de variadas tendências chamadas Teorias do Texto, as quais se destacam por abordar ao estabelecimento de uma rede de relações textuais Beaugrande e Dressler (1981) citam que a esse respeito evidenciando que os critérios que se sobressaem estão centrados na coesão e na coerência, pois existem pontos em comuns na construção de um texto, como: informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade. No jogo da organização textual o que prevalece é a organização dos elementos coesivos e do discurso coerente como fonte de interpretação e informação.

Marcuschi (2005) ressalta que a linguística textual favorece a compreensão das operações linguísticas e cognitivas, as quais regulam e controlam a produção a

funcionalidade, elaboração argumentativa e a composição dos textos. Frisando a linguística textual esta tem como objeto o texto e não a frase ou a palavra isolada, haja visto que ele é o resultado da produção da comunicação linguística elaborada com uma intencionalidade. A competência para se produzir um texto que venha a ratificar o que os pressupostos teóricos difundem como linguística textual nos leva a perceber que trata de uma linha reflexiva a ser explicada conceitualmente.

Quanto a uma explicação sobre o campo da linguística textual, Bentes (2001) ressalta que se trata de um fenômeno que se apropria de elementos gramaticais para se referir dentro de um texto a sequência de ideias e de pensamentos sobre um determinado tema de análise ou discussão textual. Nesse sentido os elementos que desencadeiam a coerência das ideias textuais são oriundos da linguística textual, cuja predominância é construída textualmente, ou seja:

(...) é a coerência que faz com que uma sequência linguística qualquer seja vista como um texto, porque é a coerência, através de vários fatores, que permite estabelecer relações (sintático-gramaticais, semânticas e pragmáticas) entre os elementos da sequência (morfemas, palavras, expressões, frases, parágrafos, capítulos, etc), permitindo construí-la e percebê-la na recepção, como constituindo uma unidade significativa global. Portanto é a coerência que dá textura e textualidade à sequência linguística, entendendo-se por textura ou textualidade aquilo que converte uma sequência linguística em texto. Assim sendo, podemos dizer que a coerência dá início a textualidade. (KOCH, I. V. & TRAVAGLIA, L. C., 2003. p. 45).

Salientamos baseado na exposição acima que a unidade de um texto vai formando entre si um tipo de linguagem, de comunicação. “Um texto não é simplesmente uma sequência de frases isoladas, mas uma unidade linguística com propriedades estruturais específicas”. (KOCH, 2005, p. 11). O que faz a diferença no texto é a estrutura gramatical, cujo anúncio o uso de elementos gramaticais. A linguística textual segundo Koch (2008) não se concretiza numa estrutura modular de argumentos textuais, mas faz referência a elaboração de níveis linguístico processual e holística.

Basicamente atualmente a linguística textual tem como objeto central “(...) o texto enquanto processo, enquanto atividade sócio cognitivo, interacional de construção de sentidos,...” (KOCH, 2008, p. 12). Ao se produzir um texto é necessário acontecer de certa forma o aprimoramento linguístico, mas precisamente requer que se aprenda, conheça a os elementos gramaticais. Com os elementos semânticos e suas funções textuais. Convém dizermos, então que:

(...) os textos deixam de ser vistos como produtos acabados que devem ser submetidos a análises do tipo sintático e semântico, e passam a ser considerados elementos constitutivos de uma atividade complexa, como instrumento de realização de intenções comunicativas e sociais falantes. (KOCH, 2008, p. 12)

O texto é a própria concretização da linguística textual, pois envolve o jogo dos elementos gramaticais, numa dinâmica que permite a criação de histórias, poesias, fatos e etc. Ele se constitui num conjunto de enunciados linguísticos, os quais podem ser submetidos a análise: o texto é, então, uma amostra de comportamento linguístico que pode ser escrito ou falado. Nesse caso a interpretação e a produção textual tem que ser ativada por um sentido, uma explicação ou compreensão da mensagem que o texto que passar para o leitor. Precisamente:

O discurso, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos. Assim, pode-se afirmar que texto é o produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja sua extensão. É uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. Esse conjunto de relações tem sido chamado de textualidade. Dessa forma, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global, quando possui textualidade. Caso contrário, não passa de um amontoado aleatório de enunciados. (BRASIL, 1999, p. 23)

Desse modo o sentido próprio e singular da escrita ou da leitura textual representa um conjunto de elementos que se completam entre si. São discursos linguísticos que traduzidos no papel encaminham-se em mensagens textuais. Nesse caso a coesão e a coerência são eixos principais que desencadeiam o sentido do texto e que reproduzem o que chamamos de linguística textual. Koch (2008) cita ainda que caberia a linguística textual a tarefa de provar que os discursos verbais devem ser reproduzidos de forma legível quando se transformam em escritos textuais.

O legível que a fala se relaciona a linguagem discursiva enquanto instrumento de comunicação, cuja relação dos elementos do texto sejam associados de forma clara e objetiva, instruindo o leitor a deleitar-se por meio da leitura a compreensão comunicativa estabelecida entre ele o texto. O processo da construção do texto com base nos conhecimentos das áreas das ciências, do campo político, dentre outras

fontes de informações quando elaborados na forma de discurso se concretizam em fenômenos mentais e sociais.

Bentes (2001) declara que a coesão e a coerência são os aspectos que evidenciam a qualidade de um texto. A coerência, diz respeito ao modo como o sentido, a mensagem ou a função explicativa textual é disponibilizada dentro da estrutura textual. Quanto à coesão a autora ressalta que trata-se de uma organização textual que é usada por meio dos elementos gramaticais. Frisamos que a coerência textual se caracteriza por indicativos sequenciais de pensamentos e ideias. E a coesão fundamenta os elos interpretativos no contexto do texto.

A coesão e coerência estão intimamente relacionadas tanto uma quanto a outra formam os conceitos nucleares da Linguística Textual, pois garantem a preservação da textualidade. A interpretabilidade textual possuem suas significações a serem preservados textualmente. Quanto a uma abordagem da importância da coerência, ela se destaca por elementos linguísticos, são eles: conhecimento das linguagens verbal e não-verbal (estrutura funcional da língua escrita; conhecimento de mundo (conhecimentos armazenados cognitivamente)

Por se tratar de uma rede de relações o texto escrito apresenta uma estrutura linguística, as quais agregadas ao sentido que a coesão e a coerência, organizadas gramaticalmente, possibilitam que flua a interpretação, compreensão e a comunicação entre o leitor e o objeto de leitura. Há de se pensar que o texto não é simplesmente palavras ordenadas num conjunto de parágrafos, mas um acervo comunicativo de funcionalidade social e pessoal. É extremamente importante sabermos que dentro das análises ligadas a linguística textual a:

A *coerência*, tida por Koch & Travaglia (1990) como princípio de interpretabilidade e compreensão do texto, é resultado das relações subjacentes à superfície textual, tornando-se responsável pelo sentido do texto. Envolve os aspectos lógicos, semânticos e cognitivos do texto. Além dos fatores internos do texto, é exigida uma compatibilidade de conhecimento de mundo entre o produtor e o receptor. (BEZERRA, 2012, p.1)

A coerência exige do escritor uma formação cognitiva quanto ao uso dos argumentos comunicativos, tendo em vista que o texto tem que propor a adesão ao leitor no processo de análise textual, ou seja, é necessário que um texto coerente tenha argumentos suficientes aceitáveis para que haja a cumplicidade quanto à mensagem posta no seu contexto. A coerência se apresenta numa linguagem que

deve levar o leitor a discorrer suas interpretações a partir da compreensão sobre a mensagem do texto. Num texto deve os constituintes linguísticos como veículo produtivo da empregabilidade dos elementos que compõem a estrutura textual.

Numa linguagem conceitual convém dizermos no que se refere a coesão é válido informar o seguinte: “A coesão diz respeito à manifestação linguística da coerência. Caracteriza-se pelos elementos formais de ordem gramatical e léxica, sendo responsável pelo nexos estabelecido no nível superficial do texto.” (BEZERRA, 2012, p.1). Cabe dizermos ainda que existem duas modalidades de coesão: são elas coesão referencial e sequencial. A coesão referencial estabelece o nexos entre componentes da superfície textual que remetem a um mesmo referente, através dos mecanismos de substituição e reiteração. Como dá para percebermos a coesão referencial permite que no texto ocorra a empregabilidade do termo referente para formalizar o discurso escrito textualmente. “Já a coesão sequencial se constrói através da recorrência e da progressão.” (BEZERRA, 2012, p.1).

A partir dessa abordagem fica claro que a linguística textual tem como princípio discorrer sobre a validade do texto e os seus elementos coesivos e coerentes como suporte de interpretabilidade, de compreensão, de análise e de funcionalidade. Num jogo formado por elementos coesivos a sequencia interpretativa que o leitor se dispõe a vivenciar tem relação íntima com a estrutura do texto, cuja disposição gramatical é o componente da própria comunicação que se faz presente nos textos a serem lidos e compreendidos. A coesão é a base linguística dos constituintes da coerência. Logo, existe uma rede de relações entre elas que facilitam a produção textual.

BEZERRA (apud CHAROLLES 1978) destaca que a coerência textual deve levar em consideração uma rede de relações interpretativas, as quais possuem função na composição do texto, são elas:

- a) Coerência e linearidade textual: É necessário observar a ordem de aparição dos segmentos em um texto, para que se possa refletir a respeito da coerência.
- b) Coerência microestrutural e coerência macroestrutural: São dois níveis de organização textual e dizem respeito, respectivamente: à relação local entre frases sucessivamente ordenadas em uma sequência e à relação global entre sequências consecutivas e, normalmente, maiores que a frase.
- c) Coerência e coesão: A coerência diz respeito ao ordenamento de constituintes frásicos, sequenciais e textuais em uma cadeia de representações semânticas de modo que suas relações conectivas sejam manifestas. (BEZERRA, 2012, p.1)

As relações supracitadas compõem o universo linguístico, pois envolve o uso da gramática com base na função que o texto possui como mecanismo comunicativo. A coerência textual deve obter um nível estrutural que facilite para o leitor a compreensão do texto, isso pressupõe que a coesão com sua funcionalidade venha definir em **“textualidade” e “textualização”**, por atribuir na produção textual o uso de elementos gramaticais como componentes de uma sequência de palavras e frases. Cabe frisamos que a coesão e a coerência ao atribuir no texto o sentido da mensagem tornam-se segundo os estudos da linguística textual fundamentos teóricos por predispor uma abordagem mais discursiva sobre a importância de surgir no meio textos bem elaborados, numa linhagem interpretativa que ajude o leitor e o autor a dominarem seus campos de ação como sujeitos discursivos na medida em que o teor do texto se concretize como mecanismo informativo e formativo.

CAPÍTULO III

O TEXTO EM EVIDÊNCIA: UMA ANÁLISE DAS PRODUÇÕES ESCRITAS NO ESPAÇO ESCOLAR.

No universo escolar suas muitas inferências que emergem como alvo de debate, haja vista que é necessário compreender, por exemplo, o sentido da leitura e da escrita na vida dos seres humanos. Ler e escrever não são um ato mecânico desde que envolve a reflexão naquilo que se lê e o que se escreve. Por isso é importante que coloquemos em pauta discussões envolvendo as produções textuais no espaço escolar, tendo em vista que a escola é lugar de referência no campo da socialização.

Baseada nesse enfoque é nesse capítulo apresentaremos reflexões sobre as produções textuais como fonte de internalização cognitiva. Com o intuito de analisar a teoria da escrita com a prática da leitura e baseado na fundamentação teórica de autores como: Bentes(2001); Bezerra(2012); Marcuschi (2005) dentre outros analisaremos as produções textuais de alunos de uma turma de 8ª série da Escola de Estadual de Ensino Fundamental e Médio Leonardo Negrão de Sousa, localizada no Município de Abaetetuba, Bairro de Francilândia. A partir de uma aproximação na realidade escolar tivemos a oportunidade de adquirir textos produzidos por alunos dessa instituição, diz respeito a uma fonte valiosa no campo da pesquisa acadêmica.

3.1- Contextualizando a Escola de Ensino Fundamental e Médio Leonardo Negrão

IMAGEM 02



FONTE: Pesquisa de campo, ano 2013.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Leonardo Negrão de Sousa, localizada no Bairro da Francilândia, o qual é considerado pela população de Abaetetuba, como um local de que apresenta um índice de vulnerabilidade social preocupante já que existem fatos comprovados violência o que causa insegurança nas proximidades da escola. Constantemente professores e alunos sofrem assaltos, pois o índice de violência no bairro é preocupante. Esta instituição foi fundada no ano de 1990, funciona nos três turnos: manhã, tarde e noite, a escola possui 10 salas de aula, biblioteca, laboratório de informática, quadra esportiva, sala multifuncional, sala dos professores, cozinha, pátio, secretaria e diretoria. A matrícula inicial no ano letivo de 2013 contou com 760 alunos, os quais foram divididos em 08 turmas pela manhã, 08 à tarde e 04 à noite. Quanto ao seu aspecto administrativo, a escola possui diretora e três vices diretores. No aspecto pedagógico, a escola é composta de um coordenador pedagógico em cada turno.

Visando compreender e aguçar nossa intenção acadêmica, na referida escola realizamos a coleta de dado numa turma de 6º ano. Coletamos alguns textos, objetivando analisar sua estrutura tendo como foco de estudo a produção de textos pelos alunos na escola. Nossa intenção esta relacionada com a possibilidade de verificarmos se os alunos conseguem discorrer textualmente se apropriando dos elementos constituintes de um texto. Diz respeito a um estudo relevante para o meio acadêmico.

3.2- Análises das produções textuais no espaço escolar

As propostas de ensino na escola relacionada à produção textual segundo os PCNs de Língua Portuguesa (1999) a linguagem é extremamente importante para o exercício da cidadania. Não só a linguagem escrita, falada e gestual, mas os diferentes meios de comunicação linguística são indispensáveis para a socialização humana. Nesse sentido a escola ganha destaque no âmbito social, por se tratar de um espaço que aloca múltiplas linguagens e múltiplos conhecimentos. É dentro dela que por meio do processo ensino aprendizagem que os alunos apreendem o uso da língua convencional envolvendo a escrita e a leitura.

Porém, para que o aluno possa desenvolver sua competência linguística nas suas várias dimensões a educação escolar necessita ser ratificada sob a ótica de

produzir um ensino que atenda realmente todas as necessidades comunicativas que os alunos precisam para exercer a função social que eles ocupam no meio que vivem. Ler e escrever, segundo Cagliari (1993) exige habilidades cognitivas, as quais são estabelecidas por uma rede de movimentos instituídos por elementos constituintes da estrutura gramatical.

Por vivenciar a competência linguística na escola, o aluno deve adquirir a capacidade de produzir, analisar, contextualizar e reproduzir criticamente o que escreve e o que lê. Ele tem que ser capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido nos momentos que escreve o que lê. As produções textuais devem fluir como mecanismo de aperfeiçoamento da leitura e da escrita tendo como parâmetros o uso adequado dos elementos gramaticais componentes que fazem o texto a adquirir sua funcionalidade. De acordo com essa visão e segundo os PCNs a escola deve atribuir sentido as atividades envolvendo a produção textual.

A prática da produção textual tem como meta no espaço escolar trabalhar o texto no seu contexto gramatical e ao mesmo tempo social. A linguística textual foca essa intencionalidade, na medida em que se propõem a discorrer sobre os fundamentos de um texto coerente e coeso. Sendo assim, a escola a partir de suas dimensões cognitivas, necessariamente precisa implementar ações que levem os alunos a se tornarem sujeitos em formação leitora e escritora. Na medida em que eles são capazes de criar textos coerentes, coesos e eficazes a função social escolar ganha sustentação cultural e política.

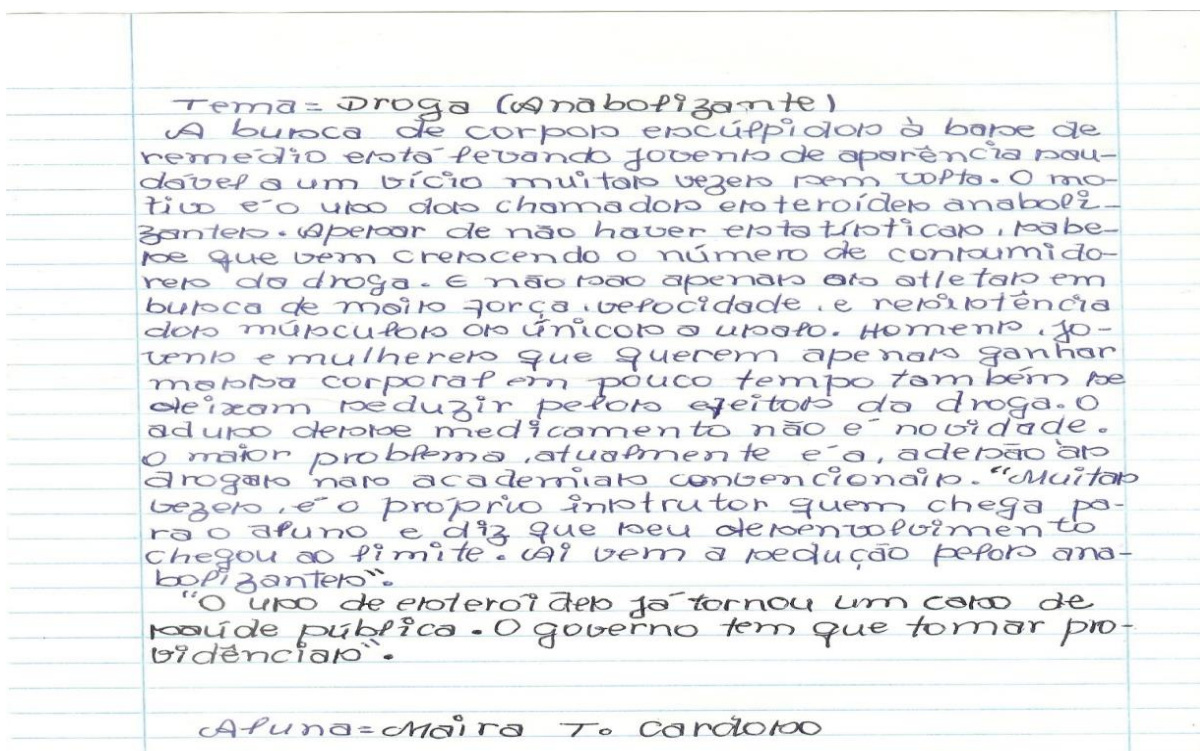
É papel de a escola propor aos alunos atividades diversificadas que constituam um desafio constante quanto ao uso adequado da língua padrão nos momentos que se escreve um texto. Os PCNs (1999) retrata a importância de valorizar de criar uma rede de relações interlocutoras que facilitem a comunicação linguística do aluno nas suas diferentes estâncias sociais que ele faz parte, ate por que: “A necessidade de atender a essa demanda, obriga revisão substantiva dos métodos de ensino e constituição de práticas que possibilitem ao aluno ampliar sua competência discursiva na interlocução.” (BRASIL, 1999, p. 23).

A prática da produção textual na escola torna-se uma trajetória a ser vislumbrada na relação professor alunos, haja vista que dependendo de como foi trabalho a aprendizagens ligadas ao texto, os alunos serão ou não capazes de entender que um texto não é só palavra, frase e parágrafos associados, mas um

conjunto de intenções interpretativas e compreensivas a ser desmembrado por meio de leitura crítica ou até mesmo uma leitura vazia, ainda assim, o texto tem uma função a ser analisada, conforme os princípios da linguística textual. Partindo dessa lógica compreendemos que é de suma importância trazer a tona a discussão das produções textuais dos alunos na escola, desse modo abaixo destacamos um dos textos coletados na Escola Leonardo Negrão como objeto de análise desse trabalho.

Quanto as experiências na área da produção textual dos alunos da Escola Leonardo Negrão apresentam suas próprias dimensões, vejamos abaixo:

IMAGEM 03



FONTE: Pesquisa de campo

Conforme análise o texto acima é do tipo dissertativo, trata-se de uma produção textual que inicia discorrendo de um tema da atualidade, como análise de informação pode-se perceber que a aluna tem informações básicas do assunto, mas que precisa ter mais segurança ao escreve-lo entre suas causas e efeitos. Como normas de um texto escrito sentiu-se a ausência das partes básicas do texto como: introdução, desenvolvimento e conclusão o qual dá ao leitor uma melhor compreensão. Segundo Kock (2008) revela que o escritor ao produzir um texto se apropria da referência como fonte discursiva, ou seja, não privilegia a relação entre

palavras e as coisas, trata-se uma interlocução de enunciados que podem ser associados a diferentes compreensões interpretativas.

Cabe dizermos então que o aluno deve possuir a prática da escrita como fundamento social utilizá-la como elos indissociáveis de produção e reprodução de conhecimentos, faz do lugar contextos sociáveis de aprendizagens. Por esse motivo frisamos a leitura social, alinhada a cultural e aos códigos da escrita, quando alocados como unidades que constituem a produção textual ganham sentido na organização do uso dos elementos da coesão e da coerência.

Ainda analisando a escrita do texto é visível a carência em relação a escrita correta das palavras, ausência de acentuação, a forma de escrever onde leva palavras maiúsculas até no próprio nome da pessoa, a troca de letras como o “b” pelo “d” faz que o texto em alguns argumentos perca o sentido.

Por essa razão o professor deve utilizar situações de aprendizagens que facilitem a descoberta da escrita e a leitura como mecanismo de comunicação de forma correta, cuja ação está disponível em diversas situações envolvendo o ato de ler e escrever. O uso da leitura deve ultrapassar a visão conceitual que a vê apenas como um ato de decodificação. Na verdade é preciso ensinar a ler, usando procedimentos dinâmicos, ação criativa e dialógica com a realidade de quem está mediando a aprendizagem dessa linguagem com quem precisa aprendê-la. É assim, que a produção textual será enriquecida no âmbito escolar.

Na área da linguística textual sentiu-se a ausência de uma introdução para que o leitor fique a par do assunto abordado, de um desenvolvimento com mais fundamentação e da conclusão que deve ser finaliza com argumentos convincentes é o que nos afirma Koch (2008) um texto deve ser iniciado a partir uma introdução que ative o interesse do leitor quanto a temática textual. As relações da referencial e da sequencia são na verdade elementos que serão disponibilizados no corpo textual, mas a se introduzir o assunto as variações linguísticas devem atribuir sentidos a mensagem textual que esta sendo elaborada. Um texto não pode ser vazio, solto e sim comunicativo, mesmo que os elementos da coesão não estejam explicitamente alocados na sua composição.

Os textos orais e escritos segundo os PCNs (1999) são considerados instrumentos de compreensão, interpretação e análise na organização das ideias, por se tratar de elos comunicativos estabelecidos por uma rede de significados envolvendo o leitor e o autor textual. No espaço escolar as atribuições ligadas a

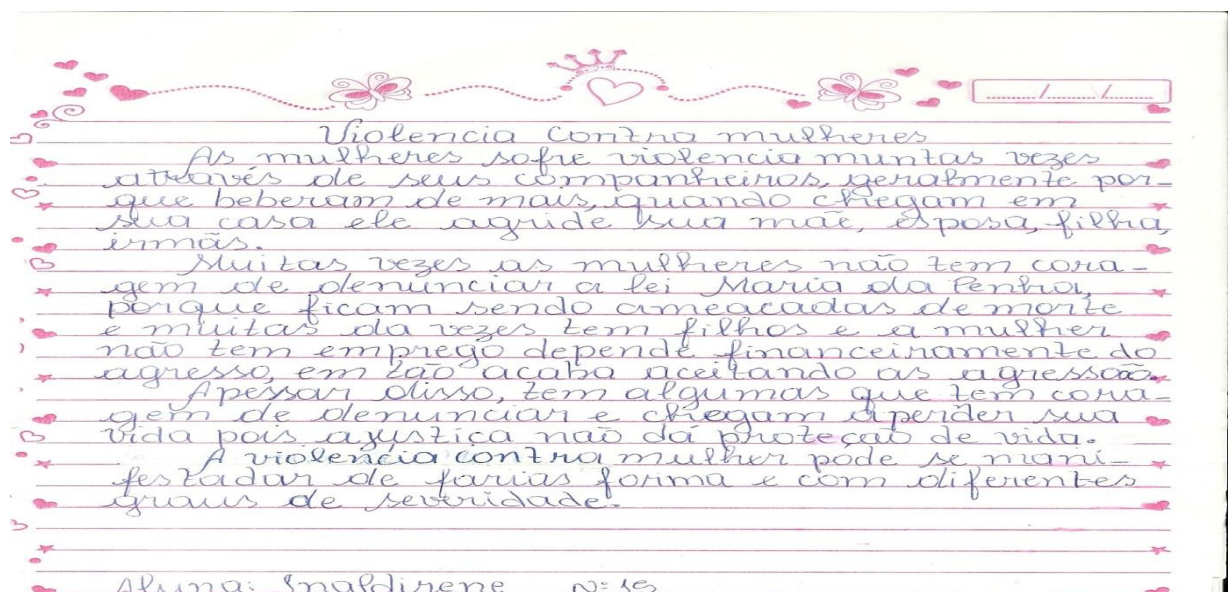
linguagem escrita e da leitura, devem ser estimuladas constantemente, a partir da valorização do contexto social que os alunos vivem. Essa é uma razão para que o conhecimento prévio que eles possuem seja foco de aprendizagem quando forem trabalhados os textos.

A escrita textual é uma forma de comunicação vinculada ao ato de ler como algo renovador e inovador. Cagliari (1993) cita que muitas vezes a escola não valoriza as produções escritas dos alunos deixando-os aquém de uma proposta de ensino envolvendo textos com base em fundamentos da língua convencional, pois:

Há um descaso enorme pela leitura, pelos textos, pela programação dessa atividade na escola, no entanto, a leitura deveria ser a maior herança legada pela escola aos alunos, pois ela, e não a escrita, será fonte perene de educação, com ou sem escola (CAGLIARI, 1993, p. 173).

Os códigos escritos são elementos que possuem uma relação social e cognitiva na vida dos seres humanos, por isso é importante envolver os alunos com o contato permanente com materiais de leitura. O ato de ler tem sua própria dinâmica de existir, assim como o ato de escrever, logo, a produção textual também ao ser associada ao uso adequado dos elementos coesivos e com um nível de coerência qualitativa formam um conjunto de constituintes a serem analisados dentro do texto. Isso é uma razão para vejamos a escola como lugar de extensão da sociedade, cuja existência deve habilitar os alunos a produzirem textos com uma estrutura cognitiva aceitável pela língua padrão.

IMAGEM 04



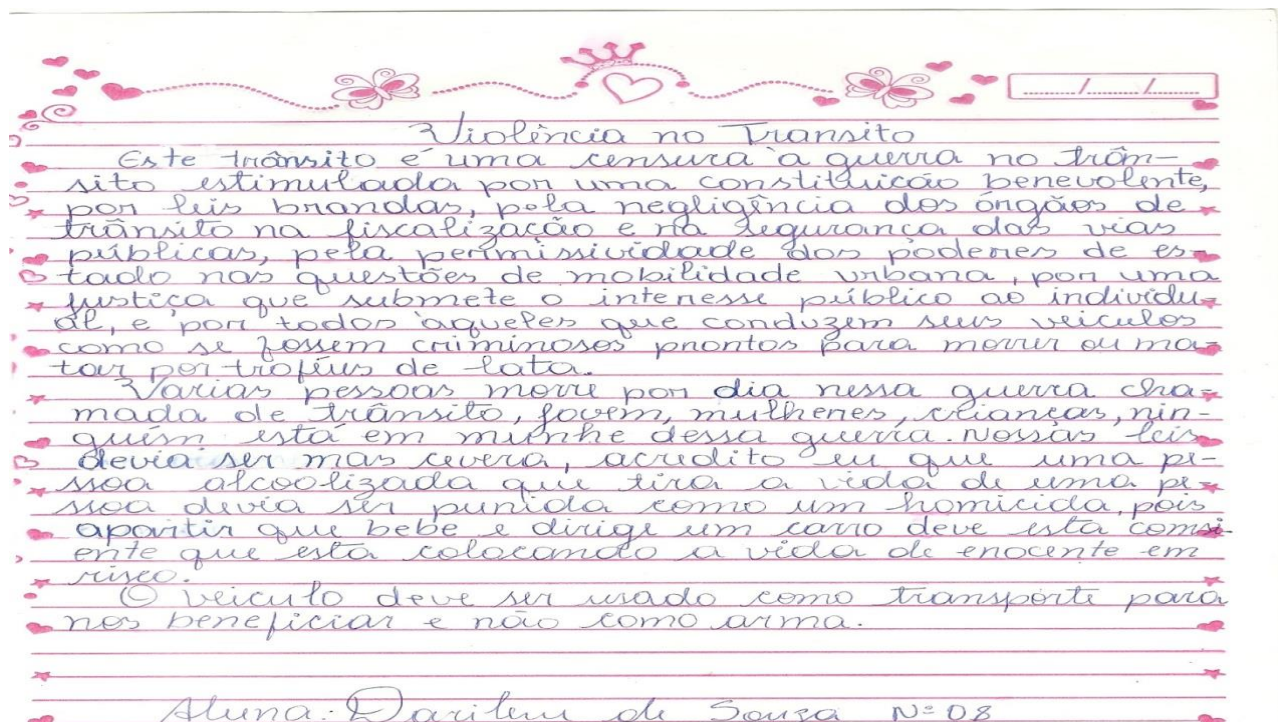
FONTE: Pesquisa de campo

Trata-se de um texto de cunho dissertativo, cuja propriedade diz respeito a um tema envolvendo a violência contra mulheres. Apresenta uma linguagem coerente na medida em que dá as informações sobre o tema abordado com explicações contextuais. O uso dos termos coesivos aparece no corpo do texto, como, uso de artigo e locuções adjetivas. A sequência de uma linguagem compreensiva exige conhecimento social e cultural do aluno quando ele é desafiado a produzir um texto dissertativo, cuja oportunidade lhe permite relacionar o tempo, o espaço e os fenômenos como elos associados entre si que facilitam o ato de realizar a produção textual.

Vale ressaltar que na produção escrita de códigos que a grafia – escrita correta das palavras- encontramos muitos erros o que sinaliza que não houve uma base de formação de escrita onde o sujeito possa expressar de forma correta. Nesse sentido a escola tem esta função social da escrita e da leitura como prática de interação social em qualquer etapa da vida escolar. Para Marcushi (2005) a escrita nasce no dia-a-dia na vida do ser humano num processo contínuo de descoberta.

Além dos erros ortográficos sentiu-se também a necessidade de leitura para que pudesse desenvolver o texto com mais precisão e com informações claras e coesas. Parte do princípio que a aluna não tem conhecimento dos conhecimentos linguísticos a partir do contato com diversos tipos de textos que a humanidade produz atualmente, como placas, avisos, logomarca, entre outros recursos linguísticos. O processo de socialização e interação vinculada a produção textual deixa em evidência que aprendizagem escolar é referência nos processos de leitura sociais.

IMAGEM 05



FONTE: Pesquisa de campo

O texto em questão é uma proposta discursiva que como finalidade que discorre sobre um determinado assunto. É uma produção dissertativa que anuncia já no início do parágrafo enunciados ligados a intencionalidade do autor. Sua percepção sobre assunto oportuniza dialogar de forma desproporcional o teor do texto, haja vista que a produção é carente de uma pontuação adequada como orienta a língua convencional. Entretanto existe uma ligação das ideias, o que o torna um texto com coerência interpretativa.

Com relação ao uso dos termos coesivos o texto esta fragilizado, pois se fossem alocados locuções, conjunções, artigos, etc., obedecendo a uma estrutura funcional dentro abordagem discursiva a produção textual da aluna ficaria mais rica e mais contextualizada. Entretanto, não podemos deixar de evidenciar que ela consegue expressar suas ideias, se apropria de uma sequencia quanto ao nível de conhecimentos que expõe, o qual esta de acordo com suas experiências envolvendo a leitura de mundo.

A leitura é imediata e consegue compreender o sentido do enunciado escrito, sendo assim, um texto compreensivo quanto a referenciação e sequenciação, se destaca por apresentar discursos organizados a partir do uso de elementos

gramaticais. Partindo desse princípio, cabe a escola ratificar a função social da leitura e da escrita, mas com os olhos voltados a aprendizagem dos termos convencionais envolvendo a produção textual.

Cagliari (1993) deixa claro também que a linguagem escrita é traduzida pelo pensamento vinculado a uma leitura posterior de realidade ou dos fenômenos presentes nos portos texto. Nesse cenário as experiências traduzidas em convivências ligadas aos códigos linguísticos têm que ser permeada pelo contato contínuo com cartazes, livros, objetos identificados, placas, e material de propaganda, etc. Nesta concepção a leitura de um texto de se dá como mecanismo dialógico com o autor. Nesse caso a leitura torna-se uma atividade social de alcance político, cultural e individual, logo a escrita textual também pode ser compreendida como aprimoramento das capacidades individuais linguísticas.

Quanto a uma abordagem real sobre as questões que envolvem a produção textual na escola é extremamente importante que os alunos criem suas visões contextuais sobre diferentes temas para poder ter a capacidade de produzir diferentes tipos de textos. No caso do texto dissertativo, o educando necessita ter uma referência sobre diferentes assuntos, visando assim produzir seus pensamentos acerca do seu conteúdo. No que se refere a produção de um dos alunos que fizera parte da pesquisa, identificamos características relevantes.

Portanto, podemos destacar trabalhar a produção textual com alunos seja de que série ele esta frequentando é necessário dar oportunidades, caminhos, dicas, incentivo a leitura de temas relevantes e social “É o caso de dizer que fala e escrita são intuitivamente construídas como tipos ideais concebidos com princípios opostos que não correspondem a realidade alguma, ao menos que identifiquemos um fenômeno que as realize”. (MARCUSHI , 2005, p. 37). Isso é um fato, logo a escola deve produzir conhecimento linguístico relacionado a produção textual, deixando de enfatizar que um texto bem casado textualmente tem que está coerente e coeso com o nível de interpretação a que ele se propõe veicular.

Dessa forma a produção textual dos alunos deve ser enxergada como instrumento de análise sobre o nível em que os alunos se encontram quanto ao conhecimento dos diferentes tipos e gêneros textuais. É importante acompanhar o aluno no desenvolvimento da aprendizagem da escrita, haja vista que nem sempre ela acontece ao mesmo tempo do aprendizado da leitura e vice-versa. É

fundamental, portanto introduzir recursos linguísticos em diferentes situações, com base também no acervo linguístico que os alunos trazem para sala de aula.

CONCLUSÃO

A língua escrita se converte em texto, produção de ideias, pensamentos e concepções criando sempre com uma finalidade, transcrevendo suas concepções, descrevendo objetos ou narrando um fato só assim o texto será elaborado. Nele podem se fazer presente opiniões ou críticas que podem ser avaliadas de várias formas. O texto pode ser literário e não literário, pode vir empregado de erros ortográficos ou não. Enfim uma produção textual dependendo das formas e dos meios que ela foi criada ganha funcionalidade.

Escrever, escrever sem ler não resulta numa boa produção textual. A leitura e a escrita são linguagens que servem de subsídios elementares na elaboração de um texto. Para tanto, o texto também tem que obedecer a estrutura linguística cobrada pela língua padrão. Ele precisa está coerente e coeso com o enunciado, ter uma linha interpretativa bem definida, a fim de propiciar ao leitor compreensões que foi escrito e o nível de mensagem que ele se encontra. É relevante salientarmos que os textos apresentados neste trabalho, não apresentam uma semântica linguística correta na sua íntegra como prevê a estrutura gramatical.

O uso dos pronomes, locuções adjetivas, verbos de ligação, etc, constitui os elementos necessários para se expor no texto uma lógica de ideias a ser analisada e interpretada pelo leitor. Entretanto todos os textos são compreensíveis e apresentam uma linguagem acessível. A ausência de elementos coesivos não prejudicou a mensagem dos textos, as principais ideias foram preservadas. Tendo, portanto transitado no campo da pesquisa na Escola Leonardo Negrão, concluímos que a linguística textual tem suas próprias dimensões teóricas que fundamentam e coloca o texto como evidencia.

Concluímos ainda, que a ausência da coesão referencial, sequencial e escrita correta das palavras são visíveis nos textos analisados. Talvez pela falta de formação leitora rica em construções interpretativas sobre o que se lê, seja algo muito presente nas escolas. As descrições nominais, por exemplo, podem ser utilizadas na organização das ideias textuais, cuja finalidade é dar sentido explicativo ao texto. Assim, frisamos os discursos escritos dos alunos encontra-se num nível bem fragilizado, mas que pode ser sofrer alterações desde que os professores instiguem os alunos a lerem e escrevem com mais objetividade e interesse na área da formação linguística.

Os conhecimentos linguísticos são elos articulados que precisa ser trabalhados na escola, a fim de habilitar os alunos a escreverem com mais sentido, utilizando a coerência e a coesão de forma clara e estruturalmente adequada. Koch e Travaglia (2005), ressaltam os elementos coesivos, existem e dão grandes possibilidades do leitor compreender o contexto já enunciado anteriormente no texto. A coerência permite o estabelecimento das ideias textuais, quando o texto apresenta uma unidade que permite ao leitor interpretar e compreender o seu teor.

É fundamentalmente importante percebermos que na escola pesquisa existe um parâmetro para se trabalhar o texto, relaciona a liberdade de produzir texto dissertativos com base no conhecimento de mundo. Essa metodologia alavanca a importância da escola como espaço de formação social. O texto também é um meio de comunicação que transmite mensagens, sua produção deve ser algo orientado na escola, a fim de que seja produzido com base em aprendizagens linguísticas oriundas das aulas de Língua Portuguesa. No âmbito escolar podem ser trabalhado a diversidade textual e suas dimensões linguísticas, desencadeando uma aprendizagem mais significativa para os alunos, bem como levá-los a produzir textos coerente e coesos, não obrigatoriamente, mas sim por conta da necessidade de ler e reler a escrita que se faz, fortalecendo elo de ligação daquilo que se lê e que se escreve com suas vidas.

No campo da produção textual os gêneros surgem como eixos relevante quando se trata de escrever, o gênero dissertação tem elementos que favorecem o uso de argumentos para se defender, analisar, discordar e interpretar um contexto ou um tema que esta sendo usado como referência para se produzir um discurso escrito. Bezerra (2012) reporta que no espaço escolar os alunos apresentam dificuldades na momento que são solicitados a produzir textos.

Notadamente, o aspecto mais evidente quanto as dificuldades envolvendo a criação de textos dissertativos, por exemplo, esta relacionado aos fatos dos alunos não terem o hábito de ler. O mais adequado é que nas séries iniciais os alunos vivenciam a descoberta da leitura como parte integrante de sua formação leitora, ou seja, manusear e ler diferentes gêneros textuais influencia no processo de aquisição da habilidade de escrever.

Por não saber argumentar o aluno ao produzir um texto acaba ocultando uma linguagem coerente e coesa, deixando de empregar os elementos argumentos que poderiam enriquecer o texto. Por exemplo: O professor ao oferecer aos alunos um

artigo de jornal como recurso de análise para ser lido e depois analisado por meio de uma produção escrita dissertativa é uma forma singular de contribuir com formação linguística dos mesmos. Basicamente grande parte dos professores encaminham para os alunos ações envolvendo a escrita de redações, envolvendo o gênero dissertação, por exemplo, apenas como uma tarefa para cumprir.

Desse modo, as dificuldades acabam surgindo com mais frequência, pois muitos alunos por não terem o hábito de ler, apresentam de imediato a rejeição pelo ato de escrever e conseqüentemente pelo ato de argumentar. A produção escrita acaba ficando reduzida a parágrafos desconexos, sem um fundamento analítico explicativos, com ausência de argumentos coesivos e coerentes. O texto tem sua profundidade, ou seja, uma unidade linguística a ser percebida, pois o usuário da língua escrita o utiliza como recurso comunicativo.

O gênero textual na escola deveria ser explorado com mais frequência, pois devido o acúmulo de informações exposto no meio de comunicação na internet, na televisão nos jornais, etc, permite situações de interação comunicativa que podem se sobressair de inúmeras formas. O sentido de um texto dissertativo tem sua relevância, pois o aluno pode se apropriar os conhecimentos vigentes de sua realidade, utilizando-os como fonte de saber.

Nesse sentido, é de extrema importância que as produções escritas envolvendo a dissertação sejam práticas contínuas entre e com os alunos, visando assim, integrá-los a diferentes abordagens contextuais que fluem nas diversas realidades. O texto dissertativo tem sua própria singularidade, função comunicativa reconhecível e reconhecida a partir do uso de argumentos convincentes, haja vista que o nível de argumento pode ser explorado em dimensões interpretativas valiosas. O espaço escolar é um dos lugares que a escrita dissertativa pode ganhar lugar de referência na medida em que os professores utilizem temas reflexivos como mediadores das produções textuais.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais- Vol. Língua Portuguesa**. Brasília. 1999.

BENTES, Anna Christina. **Linguística Textual**. In: **MUSSALIM, Fernanda; Bentes, Anna Christina (orgs.). Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. V. 1. São Paulo: Cortez, 2001.**

BEZERRA, Benedito Gomes. **A Coerência em Textos de Alunos do Ensino Médio: fundamentação teórica**. 2012. IN: br.geocities.com

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística**. 6ª ed. São Paulo: Scipione, 1993.

HAAG, Cassiano Ricardo; OTHERO, Gabriel de Ávila. **As associativas nas análises das descrições definidas**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 1, n. 1, agosto de 2003.

KOCH, Ingedore; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. S.P: Ed. Cortez, 2005.

_____. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro. Editora Fronteira, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2005

TEBEROSKY, Ana & TOLCHINSKY, Liliana. **Além da alfabetização**. São Paulo: Ática, 1997. VAL, Maria da Graça Costa. Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKI, Lev Semyonovitch. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PERROTA, C. et al. **Histórias de Contar e de Escrever. A linguagem no cotidiano**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. ZORZI, Jaime Luiz. Fonoaudiologia na Educação e nos Distúrbios da Escrita. Rio de Janeiro: CEFAC, 1999.

NAVAS, A.L.G.P; SANTOS, M.T.M. **Linguagem Escrita: Aquisição e Desenvolvimento**. In: FERREIRA, L; BEFI-LOPES, D; LIMONGI, S. (org). Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo: Roca, 2004.

GOLDFELD, Márcia. **Fundamentos em Fonoaudiologia – Linguagem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

MORAES, Zilca Rossetto de. **Distúrbios de Aprendizagem**. In: GOLDFELD, Márcia. Fundamentos em Fonoaudiologia – Linguagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

LAZZAROTTO, Cristiane; CIELO, Carla Aparecida. **Consciência Fonológica e sua Relação com a Alfabetização**. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. São Paulo, ano 7, n.2, dezembro, 2002.